

# O PAPEL DA TRADUÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS): UM BREVE HISTÓRICO

Thaís Fleury Avelar \*

**RESUMO:** *O presente trabalho tem como objetivo comparar o papel dos tradutores no desenvolvimento das línguas nacionais ao papel que o tradutor e a tradução vêm desempenhando no desenvolvimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Assim, abordamos um pouco da história mais recente dos tradutores surdos e ouvintes e do papel que eles, junto a determinadas instituições, estão ainda exercendo para o enriquecimento da LIBRAS, bem como para a consolidação do sujeito surdo como um cidadão com direitos linguísticos e culturais próprios, além dos previstos pela sociedade brasileira ouvinte.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Tradução; História de Tradução; Tradução de Língua de Sinais.*

**ABSTRACT:** *The aim of the present paper is to compare the translators' roles in the national languages development to the role that the translator and the translation have been playing in the Brazilian Sign Language (Libras). Thus, it was worked with the most recent deaf and hearing translators' history and with the role that they, along with some institutions, are still exerting for the enrichment of the Brazilian Sign Language (Libras), as well as to the consolidation of the deaf subject as a citizen with their own linguistics and cultural rights, apart from the ones previewed by the hearing Brazilian society.*

**KEYWORDS:** *Translation; Translation History; Sign Language Translation.*

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos demonstrar, ainda que inicialmente, como a tradução vem contribuindo para o desenvolvimento e consolidação da língua brasileira de sinais (LIBRAS) enquanto manifestação lingüístico-cultural do povo surdo. Para tanto, tomamos como ponto de partida o texto "Os tradutores e o desenvolvimento das línguas nacionais" (Delisle e Woodsworth, 1995), o qual, resguardadas as devidas diferenças, comparamos com a história dos tradutores de LIBRAS. Assim, pretendemos apresentar aqui que da mesma forma como os tradutores do inglês, francês, alemão, etc, influíram na evolução da linguagem de seu país, também os tradutores de LIBRAS vêm influenciando na evolução da língua do surdo brasileiro.

---

\* Professora mestranda da Universidade Federal de Goiás

Convém destacar que a língua de sinais brasileira <sup>1</sup> foi aceita legalmente há pouco tempo, e que muitos foram os percalços pelos quais os surdos passaram para poderem atingir tal reconhecimento enquanto uma comunidade com cultura e língua própria. É certo que no Brasil a língua de sinais é usada para comunicação entre surdos há muito tempo, no entanto os registros desse uso e sobre o papel do tradutor e da tradução são muito esparsos. Existe, portanto, na história da LIBRAS e conseqüente dos tradutores dessa língua, uma verdadeira lacuna, em parte causada pela própria modalidade comunicativa dessa língua que é visual-gestual-espacial. Por isso, nossas discussões neste trabalho se restringem ao período compreendido entre 1987 e a data atual. Como data de início, temos a fundação da FENEIS <sup>2</sup>, marco histórico a partir do qual é possível resgatar com maior segurança a atuação e o papel do tradutor de LIBRAS com os surdos.

## 2. OS TRADUTORES E O DESENVOLVIMENTO DAS LÍNGUAS NACIONAIS: O EXEMPLO DA INGLATERRA

Nos últimos trinta anos, graças a um esforço conjunto de teóricos, pesquisadores e tradutores, os estudos da tradução conseguiram firmar-se como uma nova e importante área de conhecimento, capaz de desenvolver suas próprias teorias, metodologias e instrumentos de pesquisa.

Com isso, pôde-se demonstrar o papel central dos tradutores no desenvolvimento das civilizações, sempre contribuindo para a emergência, o enriquecimento e a promoção das línguas e literaturas nacionais, para o despertar de uma consciência coletiva de grupos étnicos e lingüísticos, para importar novas idéias e valores, além de colaborar para a preservação do patrimônio cultural da humanidade.

Segundo Bassnett:

a tradução não aparece como um fenômeno isolado, mas associada a certos projetos mais importantes, de natureza nacionalista, ideológica e religiosa, que tinham, muitas vezes, o apoio de monarcas, aristocratas e instituições. O poder desses patrocinadores, ou o contexto crítico em que as traduções foram realizadas, ajudou a dar impulso e, em alguns casos, munção aos tradutores, legitimando o seu trabalho. O que, por

---

<sup>1</sup> LIBRAS – é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão entre as comunidades de pessoas surdas no Brasil; **LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002** dispõe sobre a lei de língua brasileira de sinais, que seja objeto de uso corrente nas comunidades surdas.

<sup>2</sup> **FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos)** é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada a Federação Mundial dos Surdos e suas atividades foram reconhecidas como de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal.

sua vez, lhes possibilitou influenciar sua língua e cultura. (Bassnett, 2003, p. 37)

Uma vez que os tradutores defendiam a tradução como instrumento de fortalecimento e emancipação da língua nacional, contribuíram para desenvolver sistemas de escrita. Na Inglaterra, por exemplo, as primeiras traduções para a língua inglesa resultaram da cristianização, e eram principalmente religiosas. Ainda no século VX, Geoffrey Chaucer, poeta inglês, torna-se o ‘europeizador’ da Inglaterra com suas ‘traduções’ que viriam a fundir o estilo germânico ao italiano, comum na literatura inglesa, amalgamando modos estrangeiros e modos ingleses (Carpeaux e Wyler, 1999, p.98). A Inglaterra vivia na época de Chaucer sob a influência lingüística latina e francesa e, quando Chaucer decide escrever em inglês, tal fato simboliza o restabelecimento do inglês como língua nacional (Delisle e Woodsworth, 1995, p.40). No entanto, Chaucer não influenciou de modo determinante a forma padrão que o inglês assumiria mais tarde, isso porque sua linguagem refletia a fala nobre dos reis e a tradição literária francesa.

Havia durante a época de Chaucer e mesmo depois, uma grande variedade dialetal na Inglaterra, então para o desenvolvimento pleno de uma língua nacional (padrão) neste país, era preciso que uma destas variedades ganhasse realce e se difundisse, de modo a ganhar aceitação na escrita. Isso se deu com a intervenção de Caxton, tradutor e impressor que começou a atuar por volta de 1469. Nesse momento, a possibilidade de imprimir as traduções - artifício do qual Caxton se valeu, utilizando o padrão londrino - fez com que as obras impressas por ele e por seus sucessores promovessem a difusão do inglês londrino, garantido sua rápida adoção país a fora.

Outro fator muito importante no desenvolvimento do vernáculo da Inglaterra e de outros países europeus foi o papel exercido pelos tradutores da Bíblia, que com seu trabalho introduziram novas palavras nas línguas vernáculas. No caso do inglês, um papel decisivo foi exercido por William Tyndale <sup>3</sup> que “acreditava que tanto o grego como o hebraico podiam ser traduzidos para o inglês mais facilmente do que para o latim, e que o inglês refletia a ampla variedade de estilos de Antigo Testamento ‘mil vezes’ mais efetivamente do que o latim” (Deslile,1995:45). Ao traduzir a bíblia, usou a linguagem do povo, com vocabulário simples e criou novos vocábulos que se incorporaram ao idioma. Todavia, ele foi além, influenciou as estruturas, o ritmo e a cadência da língua. Enfim, deu forma ao que

---

<sup>3</sup> **William Tyndale** (nascido provavelmente a 1484 - falecido a 6 de Outubro de 1536) foi um pastor protestante e um acadêmico inglês que traduziu a Bíblia para uma versão inicial do moderno inglês. Apesar de numerosas traduções para inglês, parciais ou completas, terem sido feitas a partir do século VII, a Bíblia de Tyndale foi a primeira a se beneficiar da imprensa, o que permitiu uma ampla distribuição.

seria finalmente o padrão da língua nacional inglesa.

### 3. O PROBLEMA TEÓRICO DA TRADUÇÃO DA LITERATURA NACIONAL: “EMERGÊNCIA”

A palavra “emergência” vai demonstrar o modo como os tradutores têm contribuído para a sua própria literatura em várias fases de desenvolvimento, seja ao forjar uma literatura nascente, seja redirecionando-a em um momento histórico crucial, porque na verdade, os conceitos de nação e nacionalismo têm acontecido há pouco, até hoje, embora as nações com fronteiras definidas precisamente sejam consideradas manifestações de uma “forma universal de organização social e política” (Deslile, 1995: 81). Durante muitos anos, quando foram anunciadas as novas identidades nacionais em reação à hegemonia francesa, depois da sujeição de boa parte da Europa a Napoleão, surgiram as comunidades culturais procuradas por meios de afirmar sua própria identidade – especialmente por meio da literatura.

O lingüista francês, Georges Mounin, privilegia, em seu estudo, o aspecto cultural, ou os obstáculos culturais, à tradução. A tradução literária é basicamente uma operação que se dá entre duas culturas. A operação tradutória se faz no choque, ou na oposição, entre duas (ou mais) culturas. Não bastassem as diferenças puramente lingüísticas (estruturais, por exemplo) entre duas línguas, as divergências culturais aprofundam a dificuldade da tradução literária. O grande problema da tradução da literatura é que, enquanto a linguagem busca a convergência, trabalhando no sentido da redução das diferenças, a fim de facilitar a comunicação, a literatura busca a divergência — sendo o campo por excelência das individualidades, da busca do singular e do inaudito. A tradução, como diria Mounin, não exigiria mais que a semelhança. Mas a literatura busca a singularidade, e a tradução da literatura não pode desconsiderar nesse aspecto.

A diferença entre língua e cultura de uma sociedade também sofreu uma mudança importante devido à convergência de eventos políticos e literários, conforme Hall:

...as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2002, p. 7)

Além disso, atualmente, a tradução é necessária, porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações, e pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adulto, entre classes sociais diferentes.

#### **4. O PAPEL DO TRADUTOR SURDO E OUVINTE <sup>4</sup> NO DESENVOLVIMENTO DA LIBRAS**

Aqui, tentamos tratar das correspondências e similaridades entre o processo de desenvolvimento da LIBRAS enquanto língua “nacional/oficial” do povo surdo e o estabelecimento do inglês como língua nacional pela influência dos tradutores ao longo da história.

Antes de tudo, é necessário observar que nas culturas surdas <sup>5</sup> espalhadas pelo mundo as línguas de sinais podem ser classificadas como manifestação oral de uma língua, sendo que as comunidades surdas ainda<sup>6</sup> se utilizam da língua escrita do país no qual estão inseridas. Mas, dentro da cultura surda, a única língua reconhecida como própria é a língua de sinais. Dessa forma, nossas considerações estarão relacionadas à tradução do português oral e escrito para a LIBRAS.

Por uma questão de falta de registros precisos e alcançáveis, começamos nosso “histórico” do papel dos tradutores no desenvolvimento da LIBRAS a partir da fundação da FENEIS. No Brasil, a FENEIS é o primeiro órgão nacional fundado pelos próprios surdos e tradutores com o fim de lutar pelos direitos lingüísticos, culturais e sociais do surdo. É inegável o crescimento da aceitação do sujeito surdo pela sociedade, desde a criação da FENEIS em 1987. Isso porque a instituição vem atuando como uma disseminadora da língua e cultura surda, esclarecendo a individualidade lingüística e cultural do sujeito surdo como no exemplo abaixo:

A LIBRAS, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas,

---

<sup>4</sup> O tradutor surdo é proficiente em língua portuguesa escrita e o ouvinte tem o português como língua materna, sendo usuário/proficiente em língua de sinais. O surdo atua na tradução de textos escritos, e o ouvinte atua como apoio na tradução de textos escritos e como intérprete da língua portuguesa oral.

<sup>5</sup> Comunidade surda: conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usa a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado. (STROBEL, 2006, p.6)

<sup>6</sup> Recentemente, pesquisas têm sido elaboradas, internacional e nacionalmente, no sentido de desenvolver uma língua de sinais escrita para os surdos. Atualmente, o SignWriting (escrita de sinais desenvolvida nos EUA) tem sido usado no meio acadêmico (de forma ainda muito restrita, é verdade), no Brasil.

as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (Revista da FENEIS, número 2, p. 16)

O movimento surgido em 1987 no Brasil tem relação com os estudos do lingüista William Stokoe <sup>7</sup>, nos EUA, que em 1960 publica seu trabalho provando serem as línguas de sinais línguas naturais com todas suas propriedades, inicia-se um repensar sobre a questão da surdez, que dará origem à filosofia da Comunicação Total e posteriormente ao Bilingüismo, essa última entendendo a questão surda como lingüístico/cultural.

Então, com base em estudos internacionais e posteriormente nacionais, surdos e tradutores começam por intermédio da FENEIS a lutar pelo reconhecimento da LIBRAS como a língua de comunicação dos surdos e pela atuação de tradutores e intérpretes como um meio de garantir o acesso aos bens culturais e sociais produzidos pelos ouvintes. Nesse sentido, se valida para a tradução em LIBRAS o que Bassnett destacou de forma geral para a tradução “a tradução não aparece como um fenômeno isolado, mas associada a certos projetos mais importantes, de natureza nacionalista, ideológica e religiosa, que tinham, muitas vezes, o apoio de monarcas, aristocratas e instituições”. (Bassnett, 2002, p. 37) É por meio da FENEIS que se começa a luta pelo reconhecimento do trabalho do tradutor de LIBRAS ouvinte e surdo. A partir daí se intensifica o papel da tradução e do tradutor como figuras responsáveis, ao menos em parte, pelo acesso ao mundo ouvinte e pela possibilidade de discussão com esse mundo. É certo que antes do reconhecimento legal da LIBRAS como língua, o papel do tradutor/intérprete se restringia mais às esferas cotidianas, com destaque para as escolas de alunos surdos, onde a língua usada era a LIBRAS, mas os materiais de ensino ( livro de história, geografia, ciências, matemática, etc) eram em português e para a igreja, onde segundo o relato de Silva (2006) germinaram muitos tradutores e interpretes de LIBRAS. Na língua de sinais, os movimentos religiosos, também possibilitaram a tradução da bíblia em português para a LIBRAS. O resultado de tal movimento foi de um lado a constituição de tradutores na prática (a teoria viria depois) e o incremento da língua de sinais pelo acréscimo de novos sinais relacionados ao âmbito eclesiástico, tal como aconteceu com o inglês.

A luta por uma língua de sinais reconhecida legalmente alcançou seu objetivo em 2002. Contudo, a lei garante apenas o uso dessa língua para a comunicação de surdos, regulamentando políticas públicas de acessibilidade (a inserção de tradutores em escolas, universidades e outras instituições públicas). É preciso ainda que na prática ela se estenda as esferas

---

<sup>7</sup> Dr. William C. Stokoe, Jr. (1919 - 2000) foi um estudioso, que pesquisou extensivamente Língua Gestual Americana enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet.

do cotidiano, da ciência, da filosofia, das artes e literatura. Bom, isso vem acontecendo de forma mais organizada e central pela atuação da empresa Editora Arara Azul, fundada em janeiro de 2001, na cidade de Petrópolis / RJ – Br. Uma de suas funções é a implementação do PROJETO LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), cuja primeira ação foi a publicação da Coleção Clássicos da Literatura em CD-ROM em LIBRAS/Português. Nesse projeto, clássicos da literatura brasileira e universal tem sido traduzidos de sua língua original para a LIBRAS por tradutores surdos, com o apoio de tradutores ouvintes. Pelo relato de Ramos, nessas atividades o tradutor surdo tem exercido a possibilidade de incrementar sua língua e cultura, ao enfrentar o desafio de uma tradução lingüística e cultural, que tem como finalidade não apenas dar a conhecer, mas também ser um objeto de fruição estética, que procura, mesmo enquanto tradução, sua singularidade tal como afirma Mounim sobre a tradução literária. Também a tradução da literatura para a LIBRAS se dá por meio de embates e choques culturais como prevê Mounim entre a tradução de línguas orais. Sobre tal choque cultural, Ramos observa que quando se fala em tradução de uma língua escrita, em sua modalidade literária, para a LIBRAS (que é manifestação de uma língua oral, como dito anteriormente), há que se pensar sob outros critérios que não aqueles que a bibliografia sobre tradução disponível, que privilegia a tradução escrita/escrita ou oral/oral.

Retomando a questão do choque cultural, da tradução entre línguas e entre culturas e também a questão da singularidade das traduções literárias, abordamos o exemplo da tradução do clássico infantil "Alice no país das maravilhas", em que a equipe de tradução, segundo Ramos, se deparou com o desafio de como traduzir a passagem em que Alice, dentro do túnel, ouve os passos apressados (pisadinhas) do Coelho se aproximando. A sugestão da tradutora surda, acatada pela equipe, foi a visualização da sombra das orelhas do Coelho Branco, tremendo de nervoso. A opção da tradutora foi "ensurdecer" Alice e seus companheiros pelo texto afora. Esse recurso de "ensurdecer" os personagens e o enredo dos clássicos infantis durante as traduções para LIBRAS tem sido uma constante, pelo que nos comprovam títulos como "Cinderela surda", "Rapunzel surda", "Patinho surdo". Esses trabalhos apresentam tais configurações porque correspondem à prática de tradução livre e porque atendem, em certa medida, à necessidade de o surdo afirmar sua identidade. Além disso, as atividades da Editora Arara Azul, com a publicação de suas traduções em CD-ROM espalhadas pelo Brasil afora, contribui, a nosso ver, para o início da padronização da LIBRAS, que, como toda língua natural, apresenta diversas variedades oriundas das diferentes regiões do Brasil.

Esse processo natural de padronização da LIBRAS, balizado por um lado pelas atividades tradutórias da literatura clássica, teve o apoio da publicação, também em 2001, do Dicionário Enciclopédico Ilustrado

Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) que contém os sinais que correspondem a 9.500 verbetes em Inglês e Português. Atualmente, esse dicionário é fonte obrigatória de consulta para tradutores em todo o país.

Mais recentemente, o papel do tradutor e das traduções têm sido decisivo na instauração e implementação, primeiramente na UFSC e depois Brasil afora, dos cursos Letras/Libras – licenciatura (iniciado em 2006) e Letras/Libras – bacharelado (a ser iniciado no segundo semestre de 2008). Isso ocorre pois os cursos objetivam a formação de profissionais surdos – em sua maioria - na área da linguagem e tradução. Como os acadêmicos destes cursos são todos usuários da LIBRAS, há uma forte atividade de tradução dos textos usados nas aulas. Uma vez que os temas abordados são os mais variados (lingüística, semântica, sintaxe, semiótica, fonologia, etc.) cada área específica tem exigido dos tradutores surdos o desafio de criar novos sinais para os novos conceitos científicos inseridos na comunidade surda. Como se não bastasse, verifica-se um outro processo de padronização da LIBRAS, posto que a UFSC é o pólo central de onde saem as traduções em vídeo para todos os outros pólos do curso Letras/Libras (modalidade à distância) espalhados pelo Brasil. Inclusive, nas videoconferências realizadas entre os pólos, os próprios acadêmicos têm registrado o desejo de que a LIBRAS utilizada no curso seja mais padronizada, sem apresentar tantas diferenças dialetais. Enfim, o papel do tradutor e da tradução na língua de sinais vêm sendo o de enriquecer a língua com novos vocábulos e às vezes novas estruturas, bem como o de levar a um processo de instauração e disseminação do que poderíamos chamar de uma “norma culta” da língua de sinais brasileira.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho pretendemos apenas fazer uma aproximação entre o desenvolvimento da LIBRAS e das línguas nacionais, no que diz respeito à influência e contribuições da tradução. No caso das línguas nacionais, há uma série de documentos e arquivos escritos (as próprias traduções também) que permitem ao historiador desvelar os caminhos trilhados pelos tradutores e o papel que desenvolveram na história de suas línguas. Infelizmente, no caso da LIBRAS, ainda muito pouco se sabe, uma vez que no Brasil os estudos lingüísticos e tradutórios começaram a não mais do que três décadas, e também pelo fato de muito ter se perdido na falta de recursos que registrassem as traduções realizadas para LIBRAS e o papel dos tradutores no desenvolvimento e reconhecimento dessa língua. Fica aí, portanto, a tentativa inicial de jogar um pouco de luz sobre a



obscuridade dos caminhos trilhados pela tradução de LIBRAS.

É evidente a necessidade de um resgate histórico da própria chegada da língua de sinais ao Brasil e do papel da tradução desde então. A verdade é que pesquisadores surdos e ouvintes brasileiros têm se empenhado nos últimos anos em discutir justamente isso. Então, esperamos que após esse trabalho inicial e ainda restrito outros surjam, para esclarecer os caminhos da língua de sinais no Brasil e a atuação de tradutores surdos e ouvintes durante esta caminhada. Queremos acreditar ter dado uma mostra a mais do quão complexa e sofisticada é a língua de sinais brasileira surdas e que sua dinâmica de desenvolvimento pode sim ser similar às línguas orais.

## REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CAPOVILLA, Fernando. *O dicionário enciclopédico ilustrado trilingue Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- DELISLE, J. WOODSWORHT, J. *Os tradutores na história*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.
- FERNANDES, E. “*Parecer solicitado pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo sobre a Língua de Sinais usada nos centros urbanos do Brasil*” in *Revista Integração*, MEC/Secretaria de Educação Especial, ano 5, nº 13, p. 18- 21, 1994.
- FERNANDES, E. “*Desenvolvimento lingüístico e cognitivo em casos de surdez: uma opção de educação com bilingüismo*”. in Strobel, K.L. e Dias, S.M.S. *Surdez: abordagem geral*. Curitiba, APTA/FENEIS, p. 55-57, 1995.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva Guaracira Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.
- MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1965. Tradução de Heloysa de Lima Dantas.
- ROSA, F.; KARNOPP, L. *Patinho surdo*. Canoas: ULBRA, 2005.
- SILVA, César Augusto de Assis. *Da missão a profissão: produzindo novas experiências da surdez*. APILMS-ANAIS Campo Grande-MS, 2006
- STEINER, George. *Depois do Babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: Editora UFPR, 2005.
- STROBEL, Karin. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2006.

WYLER, L. *Uma perspectiva multidisciplinar da tradução no Brasil*. In: MARTINS, M. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 96-105.

REVISTA DA FENEIS. Números 1 ao 7. Rio de Janeiro.